

A Simon só resta "collorir"

A crise em que vivem o maior partido brasileiro e o seu candidato — o PMDB e o deputado Ulysses Guimarães — consegue despertar, no seu bojo, a maior demonstração de ética de um governador. É ele Pedro Simon, que sofre duplamente, ao ver destroçar-se o PMDB, e, ao mesmo tempo, assistir impassível à disputa pelos votos do Rio Grande do Sul entre Leonel Brizola e Fernando Collor de Mello, com vantagem até aqui para o candidato do PDT. No entanto, não é um governador qualquer: Simon foi o indicado meses atrás por seus companheiros de governos estaduais para dar ao dr. Ulysses o "beijo da morte", que seria a notícia de que todos eles não acreditavam mais nas suas chances como candidato do PMDB à Presidência da República. Quem mais poderia ser o intérprete senão o mais leal dos pares ulyssistas?

Simon recusou a missão. Logo depois, articulações promovidas por governadores como Tasso Jereissati e Geraldo Mello, às vésperas da Convenção Nacional que indicaria em dois turnos o candidato do PMDB, sopraram-lhe no ouvido que seu nome deveria ser apresentado como solução única capaz de unir o partido. Simon não quis, pela segunda vez, trair seu mestre e guia. O resultado foi que o partido se esfacelou na Convenção, ao formar uma chapa superposta — Ulysses-Waldir — e compelindo os "moderados" a saírem de cena com seu líder, Iris Rezende, à frente.

Agora, Simon vive novo dilema, com a perda de consistência do PMDB estadual,

sendo ainda o Rio Grande do Sul o único grande estado da Federação sem candidato real à Presidência da República, e um dos únicos estados em que Fernando Collor de Mello vem perdendo nas pesquisas para Leonel Brizola. São desafios fatais para alguém que deseja permanecer um profissional da política e que se vê cada vez mais sem espaços. Jamais optaria, por questões pessoais e até viscerais, por apoiar Brizola, devido a um acontecimento ao longo da vida particular do atual governador em que o constrangimento não foi respeitado pelo então líder de um amplo movimento trabalhista no exílio, que mais tarde voltaria ao País para tentar organizar de novo o PTB. Brizola aproveitou-se de um incidente familiar de Simon para dardejear de vez a vontade do atual governador gaúcho de um dia na vida cooperar com seu antecessor no Palácio Piratini. Hoje, esse sentimento ainda seria tão marcante em Simon que ele não hesitaria em iniciar um movimento de abandono ao partido que ajudou a criar, como fundador nacional e estadual, caso a ala esquerda do PMDB, representada pelo deputado Nelson Jobim e pelo senador José Fogaca, resolvesse apoiar Brizola como salvação política. Nesse caso, Simon só teria um caminho, o de "collorir". Não será algo tão impossível, pois o sr. Fernando Collor de Mello não obteve até aqui uma adesão marcante no estado, já que o senador Carlos Chiarelli não lhe levou votos nem nomes, mas somente o calhamaço da CPI da Corrupção. É muito pouco, para Collor ganhar de Brizola em seu próprio terreno.